



DOI: 10.20396/urbana.v9i2.8648581

ENTRE BECOS EXPERIMENTOS SITUACIONISTAS NO CENTRO DO RECIFE

BETWEEN ALLEYS SITUATIONIST EXPERIMENTS IN DOWNTOWN RECIFE

Luiz Augusto Monte; Gentil Alfredo Porto Filho
Universidade Federal do Pernambuco
luizdomonte@gmail.com; gentilp@uol.com.br

Resumo

O trabalho discute a experiência a deriva e a psicogeografia, técnicas provenientes do movimento intitulado Internacional Situacionista, no centro expandido da cidade do Recife. Após uma apresentação histórica e fundamentação teórica das práticas situacionistas, o artigo relata parte do processo de experimentação das técnicas, desenvolve uma reflexão acerca das teses situacionistas verificadas nos experimentos e examina a pertinência de uma nova hipótese: os becos da cidade como potencializadores do processo de deriva.

Palavras-chave

Internacional Situacionista. Deriva. Psicogeografia. Recife.

Abstract

This paper tried to experience the *dérive* and the psychogeography, techniques from the cultural movement called Situationist International, in downtown Recife. After a historical presentation and theoretical foundation of the situationists practices the paper reports part of the technical process experimentation, develops a thought on the evaluation of situationists hypotheses verified in experiments and examines the relevance of a possible and new exciting conjecture: the hypothesis of the alleys as improvers of *dérive* process.

Keywords

Situationist International. Dérive. Psychogeography. Recife.

1. Introdução

Este artigo apresentará e discutirá conclusões relacionadas à pesquisa de mestrado intitulada "Deriva e Psicogeografia na Cidade Contemporânea: Experimento Situacionista no

Centro do Recife" (2015). O objetivo principal da pesquisa foi o de revisitar a teoria situacionista e aplicá-la no centro do Recife, procurando adicionar uma camada de conhecimento às pesquisas urbanísticas. Essa nova camada, baseada numa investigação afetiva das cidades, procura se incorporar às pesquisas do campo da arte, da arquitetura, do design, da filosofia, da psicologia, entre outras disciplinas. Além do seu caráter investigativo, a teoria e a prática situacionista inseridas no panorama contemporâneo também podem funcionar como meios de contestação da mídia e da propaganda nos processos sociais e de luta pelo direito à cidade, tão urgente no cenário brasileiro.

Dado este intuito de explorar o legado situacionista no âmbito da cidade contemporânea, foram escolhidas duas técnicas específicas de investigação e intervenção: a deriva e a psicogeografia. Ambas as técnicas procuram diagnosticar aspectos afetivos nas dinâmicas urbanas ao mesmo tempo que se constituem numa ação política alternativa aos paradigmas vigentes de apropriação da cidade. Além disso, considerando-se as questões levantadas sobre as cidades contemporâneas brasileiras, foi escolhido como espaço de experimentação o centro urbano da capital de Pernambuco, o que delineou o principal objetivo do trabalho: analisar os resultados da aplicação da deriva e da psicogeografia no centro expandido do Recife.

2. Urbanismo Situacionista

"Nossa ideia central é a construção de situações, isto é, a construção concreta de ambiências momentâneas da vida, e sua transformação em uma qualidade passional superior" (DEBORD, 1957). Esta é uma das definições fundamentais que deram origem, em 1957, à Internacional Situacionista, grupo de artistas, pensadores e ativistas que teve como campo principal de suas reflexões e intervenções as próprias cidades, em especial os centros urbanos e a relação desses espaços com a vida cotidiana.

Por volta da década de 1950, surgem na Europa diversos grupos políticos e artísticos, dedicados especialmente a repensar a relação entre arte e vida cotidiana, criticando sobretudo os ideais vigentes não só do campo artístico, como também da arquitetura e urbanismo. Esses grupos estavam imbuídos, na sua maioria, de um forte desejo de propor ações que ultrapassassem as vanguardas históricas (SADLER, 1999, p. 1), cujos preceitos ainda vigoravam nas artes. Apesar de realizar diversos contrapontos teóricos, esse círculo de artistas sofreu ainda muita influência das vanguardas. Baseados principalmente em intervenções urbanas iniciadas pelo movimento Dadá e pelos surrealistas, muitos desses artistas e ativistas

da década de 1950 iniciaram discussões acerca da arte em publicações e atuaram em várias capitais da Europa. Em dado momento, por conta do contexto político e econômico, as pesquisas e investigações de determinados grupos começaram a se voltar para o âmbito dos centros urbanos. Em julho de 1957, a junção de alguns desses grupos em um congresso na Itália resultou na formação de uma única entidade, intitulada então de Internacional Situacionista.

A Internacional Situacionista (IS) foi um movimento fundamentalmente anticapitalista. O grupo visava transformar profundamente o modo de vida das sociedades modernas. A crítica a um tipo de vida no qual as condições sociais tornavam-se elementos subordinados ao sistema de lucro do capital era um dos pontos principais dos textos do movimento.

As novas cidades pré-fabricadas exemplificam claramente a tendência totalitária de organização de vida do capitalismo moderno: os habitantes isolados (geralmente isolados no âmbito da célula familiar) veem a vida reduzida à pura trivialidade da repetição combinada com o consumo obrigatório de um espetáculo igualmente repetitivo (DEBORD, 1962).

O urbanismo modernista adaptou teorias voltadas inicialmente ao campo da arte e da arquitetura, para o âmbito da cidade. O funcionalismo relativo ao zoneamento de espaços exclusivos para habitação, recreação, trabalho e circulação e ainda a defesa de edifícios altos, que ocupassem pouco espaço na quadra, constituem grande parte da teoria urbanística da época (CHOAY, 2005).

As ideias e práticas desse urbanismo se incorporam ao debate de congressos realizados à época, os chamados CIAMs (Congressos Internacionais de Arquitetura Moderna). No entanto, apesar de terem atingido seu auge durante as realizações desses congressos e de terem produzido diversas propostas e documentos, foram poucos os projetos de urbanismo modernista realmente executados (FRAMPTON, 1997).

Um dos expoentes deste período é o arquiteto franco-suíço Le Corbusier, que, conforme Lamas (2004, p. 337), exerce forte influência nesses congressos, principalmente no intervalo que compreende os anos de 1933 a 1947. A visão corbusiana sobre a arquitetura e o urbanismo é considerada até hoje como um marco do paradigma modernista. De acordo com Choay (2005, p. 183), os temas em torno dos quais se organizavam as cidades planejadas por Corbusier se constituíam em: "classificação das funções urbanas, multiplicação dos espaços verdes, criação de protótipos funcionais e racionalização do habitat coletivo".

Ainda segundo Choay (2005, p. 184), as críticas de Le Corbusier e seus companheiros, classificados pela autora como progressistas, incidiam principalmente sobre a desordem e a insegurança das cidades da época e iniciaram uma defesa das práticas de standardização do urbanismo, mediante o conceito de necessidades-tipo e da apologia à máquina, indicada por Le Corbusier em sua notória sentença “a casa é uma máquina de morar” (1994, p. 205).

Entretanto, por defender essa lógica de mecanização dos espaços, Le Corbusier recebeu duras críticas. Segundo Frampton (1997, p. 191), o artista e crítico Karel Teige atacou as concepções corbusianas com veemência, chegando a considerar os edifícios projetados por Corbusier como “estritamente utilitários” e “verdadeiras máquinas” (TEIGE, 1929 apud FRAMPTON, 1997, p. 192).

Em 1956, Pierre Francastel, historiador francês, também vai de encontro às premissas urbanísticas modernas, em específico à teoria corbusiana, concebendo a seguinte crítica: “o universo de Le Corbusier é concentracionário. [...] ninguém tem o direito de construir à força a felicidade de seu vizinho. A isso chama-se Inquisição” (FRANCASTEL, apud LAMAS, 2004, p. 391).



Figura 1 – *Plan Voisin*, Plano de Le Corbusier para Paris (1925).

Fonte: <http://aftercorbu.com/2007/08/12/plan-voisin/>. Acesso em 30 mar. 2017.

Entretanto, os julgamentos mais intensos e avessos ao legado do modernismo foram realizados pelos situacionistas (SADLER, 1999, p. 8). A IS acreditava que a falta de conhecimento das motivações comportamentais dos cidadãos por parte dos arquitetos e urbanistas os descredenciava a planejar moradias e espaços com melhores condições de uso. Além disso, o grupo também era contra a predefinição dos espaços das cidades, pois essa demarcação dependeria da vontade de cada um e da coletividade, não podendo ser

determinada por um planejador (JACQUES, 2003, p. 19). Ainda sobre a herança do modernismo, os situacionistas afirmaram:

Seus contribuições positivas — a adaptação às funções práticas, inovação técnica, conforto, a eliminação do ornamento — são banalidades atualmente. No entanto, embora o seu campo de aplicação seja [...] estreito, isso não levou o funcionalismo a adotar uma teórica modesta. A fim de justificar filosoficamente a extensão de seus princípios de renovação para toda a organização da vida social, o funcionalismo tem se relacionado, aparentemente sem nenhuma reflexão, com as doutrinas conservadoras mais estáticas [e, ao mesmo tempo, tem-se congelado em uma doutrina inerte] (INTERNACIONAL SITUACIONISTA, 1959, tradução nossa).

Além de considerações negativas sobre o desenho urbano asséptico e a divisão de funções, entre outras características do urbanismo funcionalista, os situacionistas iniciaram uma forte crítica acerca de dois aspectos: o uso exacerbado dos automóveis e o trabalho como consumidor de grande parte da vida cotidiana.

Na sua cartilha intitulada "Posições Situacionistas sobre a Circulação", publicada na terceira edição da revista da IS em 1959, Debord se contrapõe à possível construção de vias expressas em Paris, declarando que "o rompimento da dialética do meio social humano em favor dos automóveis (...) mascara sua irracionalidade sob justificativas pseudopráticas". Nesse mesmo texto, Debord lança mão das ideias de Corbusier: "o tempo de transporte, como Le Corbusier observou, com razão, é um trabalho excedente que, correspondentemente, reduz a quantidade de tempo livre", para posteriormente adicionar a visão situacionista de que as pessoas deveriam desperdiçar menos tempo com o fluxo cotidiano e mais tempo na construção lúdica e coletiva: "devemos substituir os trajetos como um complemento para o trabalho por trajetos como artifício de distração".

Os situacionistas criticaram, portanto, a arquitetura e o urbanismo moderno paralelamente à construção de um conceito completamente inovador em relação às cidades e aos modos de vida. Nesse sentido, torna-se oportuno o trecho elaborado por Jacques (2003, p.19), no qual a autora afirma: "enquanto os modernos acreditaram, num determinado momento, que a arquitetura e o urbanismo poderiam mudar a sociedade, os situacionistas estavam convictos de que a própria sociedade deveria mudar a arquitetura e o urbanismo".

3. Deriva e Psicogeografia

Alguns dos grupos que originariam a IS já discutiam práticas e comportamentos anticapitalistas que prezavam por uma aproximação do indivíduo com a cidade. Em 1954 o

próprio Debord, juntamente com Jacques Fillon, escreve um texto para a revista Potlatch em que preconiza essas ações no âmbito urbano.

As grandes cidades são favoráveis à distração que chamamos de deriva. A deriva é uma técnica de andar sem rumo. Ela se mistura à influência do cenário. Todas as casas são belas. A arquitetura deve se tornar apaixonante. Nós não saberíamos considerar tipos de construção menores. O novo urbanismo é inseparável das transformações econômicas e sociais felizmente inevitáveis (DEBORD; FILLON, 1954 apud JACQUES, 2003, p. 17).

Entretanto, foi na primeira revista do movimento situacionista que foi publicado o manifesto em que os membros registraram suas primeiras definições. Nela, os situacionistas descrevem dois conceitos inovadores de experiência na cidade: a deriva e a psicogeografia. A deriva é descrita especificamente pela revista IS n. 1, em 1958, como um "modo de comportamento experimental ligado às condições da sociedade urbana: técnica de passagem rápida por ambiências variadas [...]" (INTERNACIONAL SITUACIONISTA, 1958).

Na revista de n. 2 da IS, também de 1958, é republicado um texto de autoria de Guy Debord, originalmente publicado em 1956, no periódico *Les Lèvres Nuesse*. O texto, intitulado *Teoria da Deriva*, se propõe a desdobrar ainda mais o conceito, delineando inclusive instruções sobre o número ideal de participantes, duração das derivas e delimitação do campo de experiência.

Debord manifesta algumas opiniões sobre os possíveis resultados da aplicação da deriva nas cidades, como, por exemplo: a possível identificação de espaços, aos quais o situacionista concede o título de "unidades de ambiência", e a hipótese do reconhecimento de elementos chamados por ele de *plaques tournantes* expressão francesa que representava uma "alusão às placas giratórias e manivelas ferroviárias responsáveis pela mudança de direção dos trens" (JACQUES, 2003, p. 23).

As lições da deriva permitem estabelecer os primeiros levantamentos das articulações psicogeográficas de uma cidade moderna. Além do reconhecimento de unidades de ambiência, de seus componentes fundamentais e de sua localização espacial, percebem-se os principais eixos de passagem, as saídas e as defesas. Chega-se à hipótese central de *plaques tournantes* psicogeográficas. Medem-se as distâncias que separam de fato duas regiões de uma cidade, distâncias bem diferentes da visão aproximativa que um mapa pode oferecer (DEBORD, 1958).

Segundo Debord (1957), a realização da deriva pretende suscitar hipóteses, e não necessariamente resolvê-las. A intenção é percorrer a cidade com a finalidade de fazer emergir

dela elementos relativos ao acaso, como a organicidade da paisagem urbana, as espontâneas situações cotidianas e a efervescência própria do trânsito dos indivíduos, ou seja, a vida citadina em sua forma legítima. A diferença do trajeto de deriva para o caminhar habitual está na abertura do participante para as questões da geografia afetiva da cidade, nesse sentido “os acasos da deriva são fundamentalmente diferentes dos do passeio” (DEBORD, 1957).

A prática da deriva está diretamente ligada à psicogeografia, que é também descrita na revista IS n.1 como um “estudo dos efeitos exatos do meio geográfico, conscientemente planejado ou não, que agem diretamente sobre o comportamento afetivo dos indivíduos” (INTERNACIONAL SITUACIONISTA, 1958). Desse modo, o indivíduo que investigue as implicações do meio urbano, de maneira subjetiva, pode se considerar um psicogeógrafo.

Na tentativa de elucidar a relação entre os termos deriva e psicogeografia, parece adequado afirmar que a deriva se constitui como a principal técnica de investigação da psicogeografia, como é descrito no texto apresentado por Debord na fundação da Internacional Situacionista: “uma primeira tentativa de modo de comportamento já foi obtida com o que chamamos de deriva, [...] um meio de estudo da psicogeografia e da psicologia situacionista” (DEBORD, 1957). Essa tese também é confirmada por outro membro da IS, o libanês Abdelhafid Khatib, que afirma em 1958: “Os recursos da psicogeografia são numerosos e variados. O primeiro e mais sólido é a deriva experimental” (KHATIB, 1958). E ainda pela arquiteta Paola Jacques, pesquisadora da teoria situacionista, quando afirma em seu livro *Apologia da Deriva* (2003, p. 22) ser evidente que “a deriva era o exercício prático da psicogeografia”. Sendo assim, é possível admitir que a psicogeografia consiste em um método de exploração dos aspectos afetivos da cidade, tendo a deriva como principal procedimento.

A relação intrínseca entre ambas proporcionou aos situacionistas um novo modo de encarar o processo de investigação de cidades. Amparados nessas proposições, os artistas se debruçaram sobre a cidade gerando relatos, cartografias e montagens fotográficas que traziam à tona aspectos até então escondidos pela espetacularização das cidades. Enquanto a psicogeografia fornecia aos situacionistas uma visão fenomenológica das cidades, a deriva servia também como um instrumento de levantamento de dados, além de força motriz do levantamento de hipóteses psicogeográficas. A repetição dessas técnicas por parte dos situacionistas estava amparada na seguinte consideração de Debord (1957): “O progresso da psicogeografia depende muito da extensão estatística de seus métodos de observação e, principalmente, da experimentação por intervenções concretas no urbanismo”.

4. Experimentos

As análises da presente pesquisa voltaram-se, portanto, para as próprias técnicas situacionistas da deriva e da psicogeografia, tendo como objetivo verificar seus graus de eficácia sob uma perspectiva qualitativa. O trabalho investigou a deriva enquanto método de passagens por ambiências diversas e a psicogeografia enquanto meio de mapeamento dos aspectos afetivos da cidade. Essa delimitação de objetos almejou ao mesmo tempo, e de maneira complementar, criar um contraponto ao modo de circulação automatizada e funcional no Recife, enquanto exemplo de metrópole contemporânea.

Além disso, a pesquisa teve também como objetivo a verificação de possíveis "unidades de ambiência" e "plaque tournantes" e a ampliação dos questionamentos sobre a cidade em virtude da aplicação desses métodos.

A partir de considerações realizadas após a aplicação de pesquisas-piloto, alguns parâmetros de investigação foram estabelecidos para a realização dos experimentos. Um dos parâmetros diz respeito ao próprio número de experimentos, que se limitaram a três derivas, nas quais o tempo de execução pôde variar de acordo com necessidades específicas de apreensão dos elementos da cidade.

Outro parâmetro diz respeito aos participantes do experimento. As derivas realizadas com mais de duas pessoas foram avaliadas como as de melhor eficácia não apenas em relação a apreensão dos elementos da cidade, como em relação às avaliações das ambiências e às possíveis decisões de percurso. Ficou estabelecido, por conseguinte, que os experimentos seriam realizados com a presença de três pesquisadores-participantes, sendo eles: o autor da pesquisa, Luiz do Monte, e os pesquisadores-participantes Augusto Ferrer e Bruno Cardim, membros recorrentes das pesquisas-piloto.

O primeiro experimento acabou despontando, majoritariamente, como um processo de investigação de ambiências classificadas como "nostálgicas". As grandes marcas dessas ambiências foram a pátina¹ e outros elementos que denunciam o envelhecimento de edifícios, além de outros elementos relativos a uma memória afetiva e coletiva da cidade, capazes de suscitar sentimentos saudosistas.

O segundo experimento se distinguiu pelo descobrimento de algumas ambiências, semelhantes a pátios ou áditos, cuja impressão é de quietude e separação do ritmo agitado da

¹ Pátina: oxidação geralmente esverdeada de elementos metálicos ou de tintas decorrentes da ação do tempo, da umidade do ar e da luz.

cidade, que se destacou, no entanto, pelo levantamento da hipótese dos becos enquanto "túneis de aceleração" de passagem por ambiências. Os pesquisadores observaram que as passagens por alguns dos becos da cidade constituíam experiências diferenciadas nos processos de deriva. A partir disso, levantaram a hipótese de que tais becos surgem como "túneis de potencialização" da experiência corporal da deriva, funcionando como um meio de aceleração na transição entre ambiências.



Figura 2 – Passagem pelo beco do Ferro-Velho.

Fonte: Fotografia do autor, 2015.

O último experimento manifestou-se como uma deriva cujo carácter principal foi o de reconhecimento e conceituação de dois tipos de ambiências distintas. A classificação dessas ambiências pretendeu ainda criar uma aproximação atmosférica entre ambas, facilitando assim as suas inter-relações afetivas e cartográficas, sem deixar de levar em conta as devidas particularidades dos espaços. Além dessa categorização, o experimento também se ateve à possível descoberta ou invenção de elementos lúdicos durante o percurso e a uma rápida e parcial investigação dos aspectos relativos ao exercício noturno da deriva.

A realização dos três experimentos, como havia sido previsto na etapa metodológica, respondeu ao objetivo principal do trabalho de avaliar as técnicas situacionistas da deriva e da psicogeografia. Os pesquisadores puderam assim reconhecer uma importante noção situacionista: a de "unidade de ambiência". O processo de caracterização dessas unidades

acabou se tornando uma das principais tônicas dos experimentos, resultando na definição de dois tipos: as "ambiências nostálgicas" e as "ambiências suspensas".

As "ambiências nostálgicas" são definidas por espaços em que a presença de edifícios antigos ou mesmo modernos, cobertos pela pátina ou outros elementos que caracterizam envelhecimento, configuram uma atmosfera em que ainda podem ser intuídos movimentos e práticas sociais próprios de épocas passadas.

No caso das "ambiências suspensas", a categorização foi definida a partir da percepção temporal do lugar. Elas se distinguem por espaços que estimulam um tempo de deriva mais lento, mais voltados à permanência do que ao deslocamento, onde os edifícios potencializam uma experiência de reclusão e separação do movimento urbano geral.

Outro aspecto de grande relevância resultante dos experimentos foi a experiência dos becos como túneis de potencialização da experiência de deriva. Essa hipótese surge principalmente da experiência direta dos pesquisadores em alguns dos principais becos dos bairros da Boa Vista e de Santo Antônio, dois dos principais bairros do centro histórico do Recife. Para uma melhor compreensão dessa formulação, vale conferir um dos fragmentos da Teoria da Deriva, de Guy Debord, onde o autor trata das margens fronteiriças das ambiências:

As diferentes unidades de atmosfera e de moradia não são hoje muito nítidas, e sim cercadas de margens fronteiriças mais ou menos extensas. A mudança mais geral, que a deriva leva a propor, é a diminuição constante dessas margens fronteiriças, até sua completa supressão (DEBORD, 1957).

O trânsito através dos becos do centro Recife foi analisado pelos pesquisadores como uma experiência de estreitamento dessas margens fronteiriças apontadas por Debord. Pode-se afirmar que a travessia pelos becos é uma maneira de suprimir bruscamente os limites entre as ambiências da cidade, justapondo assim distintas percepções de paisagem, sons e de outros elementos do espaço das metrópoles.

No intuito de exibir um tipo alternativo de aprofundamento teórico sobre as questões relatadas, os pesquisadores confeccionaram mapas, utilizando como base a cartografia da cidade e interferindo graficamente de modo a ilustrar de maneira física essas ponderações.

Uma dessas representações consiste no mapeamento da hipótese dos becos. Nela os becos são localizados com suas entradas e saídas, acompanhados de aspectos visuais das suas circunvizinhanças.

Outro mapa elaborado pelos pesquisadores pretendeu transmitir graficamente a variedade de elementos lúdicos de cada lugar. Nele foram representados sons, objetos e

situações mediante fotografias e pequenas inserções textuais. O mapa procura não apenas ilustrar os dados físicos do contexto, mas também representar os momentos e componentes mais subjetivos dos experimentos.



Figuras 3 e 4 – Mapa de ilustração da hipótese dos becos e Mapa de ilustração de elementos de jogo.

Fonte: Elaborados pelo autor, 2015.

5. Considerações Finais

Para além da verificação das hipóteses, a experiência das três derivas acabou por suscitar o levantamento de uma importante proposição por parte dos próprios pesquisadores. Levantada durante os experimentos, não apenas em modo textual, como em formato de mapa, a hipótese dos becos como túneis de potencialização da experiência de deriva pode constituir uma contribuição com amplas possibilidades de desdobramento em pesquisas futuras.

Essa hipótese reforça a crítica situacionista à suposta objetividade funcionalista ainda presente no urbanismo contemporâneo. A tendência a uma desautomatização do cidadão pode ser vista, deste modo, como uma importante característica situacionista a ser valorizada no contexto contemporâneo.

Além dessa percepção dos becos como elementos de intensificação da experiência dos espaços urbanos, os pesquisadores também reconheceram na própria experiência da deriva um tempo particular que contrasta com aquele da circulação habitual e objetiva da cidade. As

derivas teriam a capacidade de proporcionar uma nova relação de espaço-tempo ao transeunte, desvinculando-o momentaneamente de experiências frequentemente alienantes, como a do trânsito de automóveis e a do próprio trabalho cotidiano. Tal constatação dos pesquisadores acabou por confirmar algumas das teses fundamentais defendidas pelo movimento situacionista.

Por fim, deve-se ressaltar que a deriva e a psicogeografia na cidade contemporânea revelaram-se experimentos com grande potencial para as pesquisas urbanísticas e artísticas. As contribuições aqui apresentadas podem constituir-se como um primeiro instrumento facilitador de muitas outras investigações futuras.

6. Referências

CHOAY, Françoise. **O urbanismo**: utopias e realidades, uma antologia. São Paulo: Perspectiva, 2005.

DEBORD, Guy. **Introduction to a Critique of Urban Geography**. Les Lèvres Nues, Vol. 6, 1955. Disponível em: <<http://www.cddc.vt.edu/sionline/presitu/geography.html>>. Acesso em: 16 mai 2015.

DEBORD, Guy. **Report on the Construction of Situations and on the International Situationist Tendency's Conditions of Organization and Action**. Cosio d'Arroscia, 1957. Disponível em: <http://www.cddc.vt.edu/sionline/si/report.html>. Acesso em: 20 abr 2016.

DEBORD, Guy. Theory of the Dérive. **Internationale Situationniste**, Vol. 2, 1958. Disponível em: <<http://www.cddc.vt.edu/sionline/si/theory.html>>. Acesso em 20 abr 2016.

DEBORD, Guy. Situationist Theses on Traffic. **Internationale Situationniste**, Vol. 3, 1959. Disponível em: <<http://www.cddc.vt.edu/sionline/si/traffic.html>>. Acesso em 20 abr 2016.

DEBORD, Guy. Perspectives For Conscious Changes in Everyday Life. **Internationale Situationniste**, Vol. 6, 1962. Disponível em: <<http://www.cddc.vt.edu/sionline/everyday.html>>. Acesso em 20 abr 2016.

DEBORD, Guy. **The Situationists and the New Forms of Action in Art and Politics**. 1963. Disponível em: <<http://www.cddc.vt.edu/sionline/si/newforms.html>>. Acesso em: 20 abr 2016.

FRAMPTON, Kenneth. **História crítica da arquitetura moderna**. São Paulo: Martins Fontes, 2008.

INTERNACIONAL SITUACIONISTA. **Internationale Situationniste**, Vol. 1, 1958. Disponível em: <<http://www.cddc.vt.edu/sionline/si/is1.html>>. Acesso em 20 abr 2016.

INTERNACIONAL SITUACIONISTA. **Internationale Situationniste**, Vol. 2, 1958. Disponível em: <<http://www.cddc.vt.edu/sionline/si/is2.html>>. Acesso em 20 abr 2016.

JACQUES, Paola Beresntein (org.). **Apologia da Deriva**: escritos situacionistas sobre a cidade. Rio de Janeiro: Casa da Palavra, 2003.

KHATIB, Abdelhafid. Attempt at a Psychogeographical Description of Les Halles. **Internationale Situationniste**, Vol. 2, 1958. Disponível em: <<http://www.cddc.vt.edu/sionline/si/leshalles.html>>. Acesso em 20 abr 2016.

LAMAS, José M. Ressano Garcia. **Morfologia urbana e desenho da cidade**. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2004.

LE CORBUSIER, 1887-1965.; JEANNERET-GRIS, Charles Edouard. **Por uma arquitetura**. São Paulo: Perspectiva, 1994.

MONTE, Luiz. **Deriva e psicogeografia na cidade contemporânea: experimento situacionista no centro do Recife**. 2015. 180f. Dissertação (Mestrado em Design) – Universidade Federal de Pernambuco, Recife. 2015.

SADLER, Simon. **The Situationist City**. Cambridge e Londres: The MIT Press, 1999.